

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Fernanda Nunes Deitos

O JORNAL COMO FONTE DE CONHECIMENTO:

uma prática significativa em uma turma de jovens e adultos

Porto Alegre

1. semestre

2014

Fernanda Nunes Deitos

O JORNAL COMO FONTE DE CONHECIMENTO:

uma prática significativa em uma turma de jovens e adultos

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Maria Comerlato.

Porto Alegre

1. semestre

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que depositaram em mim toda sua confiança, amor e admiração, durante toda a minha vida e em meu processo de escolarização, até esta etapa em que me encontro, auxiliando-me para que eu alcance meus objetivos.

Aos meus amigos e demais familiares pela compreensão e ajuda em tantos momentos desta longa caminhada, em que destaco duas grandes amigas, Luise Hubner e Bruna Gheno.

Em especial, agradeço à colega Ana Isabel Melo dos Santos, que esteve ao meu lado desde o primeiro momento do curso.

Às colegas da disciplina de Reflexão da Prática em EJA, que por muitas vezes contribuíram nas discussões, compartilharam angústias e alegrias, assim como à professora regente da disciplina, Laura Fonseca, tão atenciosa e acolhedora, auxiliando nos caminhos que deveríamos percorrer na pesquisa.

Por fim, agradeço aos professores do curso de Pedagogia e em especial à minha orientadora, Denise Maria Comerlato, pelos ensinamentos e por fazer parte da minha formação. Assim como à professora e aos alunos da turma em que realizei o estágio, pois através deles reafirmei minha vontade de seguir a profissão.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra, estarei, de certa forma, transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica a relação que eu tenho com esse mundo.

Paulo Freire

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo investigar algumas das aprendizagens possíveis a alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir de um projeto de trabalho envolvendo o jornal como fonte de conhecimento. A problemática da pesquisa surgiu da experiência da autora em sua prática de estágio do curso de Pedagogia, realizado em uma escola municipal de Porto Alegre. A metodologia de pesquisa é de abordagem qualitativa, embasada em Minayo (1994), e centrou-se na análise do Diário de Classe e relatório final, produzidos durante o estágio. A análise dos dados contidos nesses documentos foi dividida em três categorias: *jornal como material reflexivo e questionador*, fundamentado nos estudos de Faria (2003) sobre a relevância deste material em sala de aula; *a aprendizagem e o caminho para entendê-la*, analisada a partir dos estudos de Moura (1999) e Ferreiro (2001) sobre a formação dos conceitos; e *o letramento e a reflexão crítica da realidade*, através dos estudos de Kleiman (2012), Tfouni (1995) e Street (2010) discutindo o letramento e Freire (2006) trazendo a leitura de mundo. As análises realizadas apontam que o jornal foi um instrumento significativo para as aprendizagens em todas as áreas de conhecimento dos alunos, ainda desenvolvendo as habilidades e competências em relação à oralidade, escrita e leitura crítica da realidade, visto que este material faz parte do cotidiano, agregando valor social e cultural aos que dele se utilizam.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Jornal. Aprendizagem.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO.....	6
1.1 INTRODUÇÃO: UMA PRÁTICA SIGNIFICATIVA.....	6
2 O CAMINHO PERCORRIDO.....	13
2.1 CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA.....	13
2.2 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	13
2.3 CONTEXTUALIZANDO ESCOLA E TURMA.....	14
3 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	17
3.1 JORNAL: MATERIAL REFLEXIVO E QUESTIONADOR.....	18
3.2 APRENDIZAGEM E O CAMINHO PARA ENDENTÊ-LA.....	23
3.3 LETRAMENTO E A REFLEXÃO CRÍTICA DA REALIDADE.....	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Chegando nesta etapa do curso, vi-me tendo que decidir sobre um tema significativo a ser investigado. A partir da prática de estágio docente em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e reflexões diárias deste trabalho, vinha me chamando atenção o tema trabalhado: o jornal como fonte de conhecimento. Então foram surgindo questionamentos e inquietações. Sendo assim, decidi realizar a pesquisa sobre esta prática significativa de estágio e por acreditar que o trabalho com diferentes materiais pedagógicos, quando bem planejado e executado, tem muito a favorecer no trabalho do professor e nas aprendizagens dos alunos.

Ao longo do curso, nas falas das colegas e nas observações de minipráticas, percebia a dificuldade dos professores para relacionar acontecimentos do mundo aos conteúdos escolares, e acredito na relevância dessa relação. Por esse motivo, também acabei optando por trabalhar com o jornal, que é um material comum e de fácil acesso. Neste presente trabalho, pretendo analisar este projeto no que se refere às aprendizagens dos estudantes.

Em um primeiro capítulo, farei uma breve apresentação do trabalho realizado com o jornal, com alguns exemplos marcantes desta experiência e sua relevância na prática de estágio.

Em um segundo capítulo, detenho-me em apresentar o caminho percorrido para a construção do problema de pesquisa e da metodologia. Exponho ainda a contextualização da turma e da escola onde o estágio foi realizado.

Já no capítulo seguinte, o terceiro, dedico-me à análise de três categorias selecionadas, sendo elas: 1 – Jornal: material reflexivo e questionador; 2 – Aprendizagem e o caminho para entendê-la; 3 – Letramento e a reflexão crítica da realidade.

Por fim, no capítulo 4, trago as considerações finais da pesquisa e os resultados obtidos com ela, no qual retomo o capítulo 3, a partir das análises feitas.

1.1 INTRODUÇÃO: UMA PRÁTICA SIGNIFICATIVA

Neste subcapítulo, apresentarei minha prática de estágio, a partir de alguns momentos que foram marcantes nesse período. O estágio obrigatório do curso de Pedagogia¹ ocorreu em uma escola municipal de Porto Alegre em uma turma da EJA, totalidade 3.²

Desde o início, através das observações, foi notável como a turma sentia necessidade de participar da aula e de contribuir de alguma maneira, porém as atividades que estavam sendo propostas aos alunos não estavam deixando que eles pudessem trazer seus conhecimentos, vivências e histórias. Assim como Oliveira (1999, p. 60), acredito que o adulto: “[...] traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas”. E, em meu entender, essas vivências também devem ser aproveitadas em sala de aula.

Outro fato percebido foi o interesse de alguns alunos quanto ao jornal e seu hábito de leitura. No terceiro dia de observação, percebi que, ao chegarem, os alunos se reuniram para falar sobre determinada notícia do jornal da coluna de esportes, e notei que se interessavam e conversavam sobre o assunto.

A partir desses dois aspectos, da vontade de participar e do interesse pelo jornal, decidi realizar um trabalho com este portador de texto, suporte de escrita da modernidade, como material para ser usado pedagogicamente, pois acredito que ele possa ser bem aproveitado, sendo fonte de informação e conhecimento.

A ideia era que, através do trabalho com o jornal, pudesse se criar um ambiente e uma relação onde esses alunos se sentissem valorizados. E, assim, conseguissem contribuir com suas falas, experiências, opiniões, e que fossem respeitados com os conhecimentos que eles já têm, com o tempo de cada um, seus desejos e anseios. Assim como diz Freire (2001, p.16): “Respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos, crianças, jovens ou

¹ O estágio docente foi realizado no segundo semestre do ano de 2013 e corresponde ao sétimo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), totalizando 300 horas.

² A organização curricular da escola onde foi realizada o estágio ocorre através das seguintes Totalidades de Conhecimento: T1, T2 e T3 (totalidades iniciais), T4, T5 e T6 (totalidades finais). “A visão de conhecimento, enquanto totalidade, remete-nos a estruturar o ensino de forma que o conhecimento seja construído e aprofundado em níveis crescentes e articulados entre si. Para assegurar a unidade do conhecimento, cada totalidade encontra-se transversalizada na seguinte, construindo, com isso, a visão totalizante e globalizante do movimento de ação-reflexão-ação, isto é, a práxis educativa” (Trecho retirado do Projeto Político-Pedagógico da escola).

adultos, os educadores e educadoras populares têm neles um ponto de partida para sua ação [...]”. Esse foi meu ponto de partida ao assumir essa turma.

Ainda durante a observação, percebi que os alunos tinham problemas de autoestima, pensando que não eram capazes de aprender, chegando a falar frases do tipo “a gente é meio ruim da cabeça”. A minha ideia era de valorizá-los, acreditando na capacidade deles e oportunizando um espaço de fala a eles, para que se sentissem motivados ao aprendizado. Entendo que este seja um desafio, visto que em classe de adultos:

A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (COLEÇÃO TRABALHANDO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, v. 1, 2006, p. 16).

Compreendo que o aluno da EJA não pode se sentir inferior aos alunos regulares, mas é o que muitas vezes acontece, gerando assim mais dificuldade no processo de aprendizagem. Acredito que o trabalho com o jornal seja também uma forma de valorizar os alunos, com assuntos que eles possam contribuir e que sejam significativos.

Pensei que a minha forma de trabalho pudesse causar estranheza e até mesmo desconforto aos alunos, pois estavam acostumados com outro tipo de proposta, mas a maioria parecia estar aberta a atividades diferentes, até mesmo porque esta turma estava acostumada com estagiárias.

Na primeira semana de prática, conversei um pouco com os alunos sobre o que eles achavam do jornal e por que alguns tinham o hábito dessa leitura. Alguns alunos responderam que sempre gostaram, até mesmo quando não sabiam ler, que gostavam de ver as imagens. Uma senhora disse que não comprava o jornal, mas sempre conseguia o do vizinho para ler. Outro disse que comprava, pois gostava de ler notícias sobre o Sport Club Internacional. Eu já havia percebido, através de conversas informais, no período de observação, que o jornal era um tema de interesse dos alunos. E um dos princípios que constituí durante o curso era de trabalhar com os interesses dos alunos, possibilitar que eles pudessem dar

sugestões, críticas etc. Foi o que tentei fazer durante esta primeira experiência como professora.

É importante destacar que foi discutida com os alunos a veracidade das informações contidas no jornal, pois partem do ponto de vista de quem está escrevendo, de suas impressões sobre determinado assunto, que pode ou não ser a mesma de quem está lendo. Também conversamos sobre a visão dos diferentes jornais que circulam no estado, e os alunos opinaram sobre suas preferências.

O estágio foi um desafio para mim, já que nunca havia tido uma experiência tão duradoura em sala de aula. Desde o início, percebia o quanto era trabalhoso relacionar um acontecimento do mundo, descrito nas folhas de jornal lidas e discutidas com os alunos, com os conteúdos a serem trabalhados de forma que fossem significativos.

Logo na primeira semana, com uma proposta em que os alunos deveriam escrever notícias a partir de imagens escolhidas no jornal, percebi suas dificuldades de compreensão da atividade. Talvez por não estarem acostumados com este tipo de proposta, talvez por eu não ter explicado da melhor maneira. Em suas tarefas, percebia que eles acabavam copiando as notícias do jornal em vez de escrevê-las. Percebi, nesse momento, a dificuldade que é para os alunos escreverem textos autorais. Algumas vezes, eu pensava que a atividade deveria ser de fácil realização para os alunos, mas, na verdade, era muito difícil para eles. Por isso acredito que seja tão importante, apesar de ser ao mesmo tempo difícil, o professor entender como cada um de seus alunos aprende e, antes de tudo, respeitar o tempo de aprendizagem de cada um.

A partir dessa semana e ao detectar esta e outras dificuldades dos alunos, como a interpretação de texto, pensei em trazer as manchetes dos jornais, a fim de discuti-las com os alunos. Assim eles poderiam expressar sua opinião, responder questionamentos, debater, refletir e fazer relações.

A minha ideia era tentar trazer notícias de que os alunos tivessem conhecimento, que estivessem também em outros meios de informação, no rádio, televisão, enfim, que eles tivessem algo a falar, que fizesse parte de sua rotina.

Nas primeiras três semanas, os alunos que contribuíaam eram sempre os mesmos, aqueles mais falantes, que acabavam comandando a opinião dos outros. Até que eu levei uma notícia relacionada a saúde, conteúdo que estava trabalhando durante a semana. Foi quando percebi que todos tinham algo para falar, contribuir com suas vivências, com histórias, dicas, questionamentos e relações. O que me impressionou foi como alunos tímidos, que nunca falavam em aula, se descobriram participantes, fazendo verdadeiramente parte da aula e interagindo uns com os outros. Apenas uma aluna, eu percebia, não conseguia se engajar na proposta.

Entendo que para os alunos essa tenha sido uma experiência diferente e, por esse motivo, eu continuava com algumas propostas da professora regente, para não causar um choque tão grande aos alunos e até mesmo por achar necessário. Pelo menos em um dia da semana, eu realizava as atividades matemáticas fora do contexto do jornal que eles tanto me solicitavam. As atividades com o jornal deveriam alternar-se com outras atividades, como diz Faria (2003, p. 20): “A frequência deve ser flexível e alternar-se com outras atividades do programa da disciplina, distribuindo-se harmonicamente com outras atividades dentro do tempo reservado ao jornal no programa global”.

Ao longo do tempo, fui notando um avanço dos alunos. Em geral, suas melhorias foram em relação à oralidade, pois com as discussões das notícias eles conseguiam impor sua opinião e falar com maior propriedade sobre determinado assunto. Na questão da interpretação, pois eu realizava diversos questionamentos acerca das notícias, se tornava mais fácil para eles responderem após conversarmos. A leitura foi muito exercitada, e até mesmo alguns alunos alegavam que treinavam em casa com o jornal. O avanço se deu também em suas escritas, pois nelas eu acabava percebendo novas palavras que faziam parte das notícias discutidas e, muitas vezes, eles me questionavam seu significado. Essa também foi uma melhoria deles, essa atitude questionadora, que antes eu pouco percebia.

Foi relevante perceber também que, ao discutirmos as notícias, por exemplo, a respeito do efeito estufa e do aquecimento global, assuntos até então complicados de serem tratados, se tornaram mais fáceis, pois as dúvidas acabavam se diluindo através das conversas. Percebia que os alunos não se sentiam intimidados a questionar.

Através de suas falas, percebia que eles estavam se dando conta das relações que eu tentava fazer entre o assunto da notícia e o tema trabalhado, o que foi muito gratificante para mim. Um exemplo disso foi quando, ao fazermos uma retomada das temáticas abordadas, o aluno R.³ acabou lembrando-se de quando trabalhamos com a notícia do consumo da água e depois usamos as contas de água para trabalhar com a matemática, e a aluna V. contribuiu dizendo que também falamos sobre o consumo de água em nossas casas.

Outro aspecto que também me deixou feliz e surpresa foi que, sem que eu precisasse falar, os alunos foram se dando conta de que o jornal era o eixo de nosso trabalho. Também que o mesmo não apresentava apenas as notícias que ouvíamos no rádios ou víamos na televisão, mas que proporcionava argumentos para as nossas discussões e relações com o que estudávamos.

Sobre os tipos de atividades realizadas foi trabalhada a escrita a partir da produção de textos, parágrafos, frases, ditados. Já a leitura foi trabalhada através das notícias levadas e de outros textos. Em algumas aulas, foram usados vídeos como recursos, em outras, cartazes e um mapa conceitual construído com a participação dos alunos.

Nas últimas semanas de estágio, questionei os alunos sobre a questão do jornal e sua função. Eles responderam trazendo a importância da informação e o quanto ela é válida até mesmo para saber conversar com as pessoas sobre os assuntos do cotidiano tratados nos meios de comunicação. Questionados se a informação também é conhecimento, eles responderam que depende da informação. Compreendo que a informação por si só não modifica aquilo que pensamos, pois, segundo Piaget (1972), para que se conheça um objeto ou um acontecimento é necessário agir sobre ele, ou seja, o conhecimento modifica tanto o objeto quanto o sujeito. Dessa forma, só o conhecimento traz uma compreensão que permite uma nova prática social.

Na última semana, os alunos confeccionaram com a minha ajuda um jornal de memórias onde escreviam sobre suas aprendizagens e momentos que foram marcantes. Foi interessante perceber que os alunos apontaram o jornal como centro

³ A fim de preservar a identidade dos alunos, omitirei seus nomes e os substituirei apenas pela letra inicial de seus nomes.

de estudo nesse período e a atividade de leitura do mesmo que foi se tornando um hábito, inclusive naqueles que antes não viam importância o jornal foi até mesmo citado como exercício de leitura. Penso que esta prática de estágio tenha sido relevante, pois o jornal propiciou a relação da realidade dos alunos com o mundo, através do debate, das reflexões. Enquanto professora, foi o que procurei enfatizar, como vem ao encontro da ideia de Freinet (1989, p. 50-51), que não se pode deixar de lado o essencial que são a vida e a realidade em que estamos inseridos.

Ao longo do estágio, fui percebendo que as aprendizagens estavam sendo significativas para os alunos assim como foram para mim. Aprendi muito com eles e com essa experiência. Pude vivenciar aquilo que aprendi na teoria durante o curso, superar os problemas, descobrir-me como docente e reafirmar minha vontade de seguir neste rumo.

2 O CAMINHO PERCORRIDO

2.1 A CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA

Nesta prática de estágio, fui constatando o quanto os alunos estavam se engajando e aprendendo, fazendo relações com os conteúdos estudados, que era significativo para eles já que era feita uma relação com o cotidiano, contribuindo com a aula, fazendo reflexões e questionamentos.

Esses aspectos foram me chamando atenção e observei o quanto este portador de texto estava sendo importante dentro dessa turma e desse contexto, onde os alunos interagem entre si e com a realidade social, refletindo sobre a atualidade.

Tendo em vista esta prática e meus interesses epistemológicos, formulei a seguinte questão, que é meu problema de pesquisa: Quais as aprendizagens possíveis a alunos da EJA a partir de um projeto de trabalho envolvendo o jornal como fonte de conhecimento?

Este questionamento me faz refletir também sobre como aproveitar o jornal como material pedagógico, fazendo com que ele fosse relevante ao processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, penso no seguinte desdobramento da questão: É possível relacionar acontecimentos do mundo aos conteúdos escolares, trazendo significância destes aos alunos?

2.2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Segundo Martins (2004, p. 291), “a metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa [...]. Entendo-a como a explicação dos caminhos/métodos utilizados na pesquisa, que irei apresentar a seguir.

Após escolha do tema do TCC, tendo o jornal como fonte de conhecimento e a construção do problema de pesquisa, tornou-se necessário definir um caminho metodológico a percorrer. A opção escolhida foi a abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (1944, p. 21-22), “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Esta abordagem apresenta questões mais abertas, com a visão interpretativa de experiências, assim como no caso da minha pesquisa, na qual procuro investigar

as aprendizagens dos alunos a partir de um projeto de trabalho com o jornal, bem como a relação entre acontecimentos do mundo e conteúdos escolares.

Para responder aos questionamentos, será feita uma análise minuciosa dos dados coletados em documentos produzidos durante o estágio. Estes serão o Diário de Classe, escrito durante o período de estágio obrigatório, onde estão contidos também trabalhos dos alunos e relatório final de estágio, escrito ao final deste. Neste caso, são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIPS, 1974, p. 187).

Essa análise será feita através de três categorias escolhidas a partir da retomada do trabalho feito. Relendo o Diário de Classe, observei que três aspectos haviam sido norteadores: primeiramente, o próprio jornal, de onde partiram as aulas e as temáticas de estudo; segundo, como esse material foi relevante para novas aprendizagens; e, por fim, o letramento, pois esteve presente como uma prática social e também como um meio de se fazer uma relação de palavra com o mundo. Cabe ressaltar que esses três tópicos estão interligados e se completam neste projeto de trabalho.

2.3 CONTEXTUALIZANDO ESCOLA E TURMA

A escola onde foi realizado o estágio obrigatório é da rede municipal de Porto Alegre. Funciona nos turnos manhã, tarde e noite, atendendo jovens, adultos e idosos, a partir de 15 anos de idade.

O currículo escolar divide-se em Totalidades Iniciais e Finais, contemplando o Ensino Fundamental modalidade EJA: T1, T2, T3 – T4, T5, T6. Entre os alunos da escola também existem pessoas com deficiências físicas, mentais, cegos e surdos.

Através de minha vivência na escola, entendo-a como um espaço de educação formal que se preocupa verdadeiramente em oferecer aos seus alunos possibilidades de crescimento intelectual e humano. Há oferta de diversas oficinas como música, artes e teatro; também há incentivo aos jovens trabalhadores, adultos e idosos ao estudo, com a possibilidade de acesso, permanência e qualidade. Nesta escola os professores/as permanecem engajados em uma proposta de formação ao longo da vida, tal como explicitado em seu Projeto Político-Pedagógico (PPP). Segundo o regimento da escola, um de seus objetivos é produzir a escrita e a leitura

dos conhecimentos das diversas áreas, num processo permanente de interação com a realidade e reflexão sobre a mesma. Foi, também, pensando neste objetivo que idealizei o projeto com o jornal, para que ele trouxesse esta interação entre os conhecimentos escolares e nossa realidade.

A turma de realização do estágio foi uma Totalidade 3, que corresponde à última etapa das Totalidades Iniciais, correspondente ao 5º ano do Ensino Fundamental. A turma tinha 15 alunos inscritos, porém compareciam 10 frequentes, sendo dois alunos de inclusão. Em sua maioria eram idosos aposentados, havendo apenas dois jovens trabalhadores. Sendo assim, a faixa etária era de 27 a 80 anos de idade.

Todos os alunos já eram alfabetizados, porém alguns ainda apresentavam muita dificuldade na leitura e demoravam bastante para ler cada palavra. Uma aluna alegava ter vergonha de ler. Quanto às produções textuais dos alunos, pude perceber que já conseguiam realizar, porém uns com mais e outros com menos dificuldades. Dois alunos apresentavam apenas erros ortográficos e na pontuação. A maioria tinha dificuldade em separar as palavras e ainda realizava troca de letras. Porém todos possuíam boa oralidade e necessidade de serem ouvidos em suas experiências, em suas histórias de vida, enfim, tinham necessidade de que seus conhecimentos fossem valorizados naquele espaço.

Esses aspectos foram constatados durante as duas semanas de observação, quando também pude notar a atuação da professora regente da turma. Esta me deixou livre para começar o projeto com os alunos, já que não estava seguindo nenhum projeto específico, porém solicitou que eu não deixasse de lado algumas atividades específicas a que os alunos estavam acostumados, como ir ao quadro para realizar operações matemáticas, pois os alunos gostavam e se sentiam valorizados.

Outro aspecto observado logo no primeiro contato com a turma foi que alguns dos alunos se interessavam pela leitura do jornal. E foi também a partir desse interesse a minha ideia de trabalhar com este portador de texto.

Enfim, após apresentação do contexto em que a prática de estágio foi realizada e o caminho da pesquisa, irei trazer aos leitores, no próximo capítulo, as

análises realizadas a partir das categorias selecionadas: 1 – Jornal: material reflexivo e questionador; 2 – Aprendizagem e o caminho para entendê-la; 3 – Letramento e a reflexão crítica da realidade.

3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para a realização das análises desta pesquisa, precisei revisitar os materiais construídos durante a prática, o Diário de Classe e o relatório de estágio. Através de sua leitura e reflexão, três categorias se realçaram, como já foi dito, sendo elas: *jornal como material reflexivo e questionador, aprendizagem e o caminho para entendê-la; letramento e a reflexão crítica da realidade*. Neste capítulo, pretendo explicitar, através dos recortes do Diário de Classe, como este trabalho foi sendo desenvolvido.

O projeto com o jornal foi realizado a partir das notícias presentes neste portador de texto. Foram utilizados os jornais *Diário Gaúcho*, *Correio do Povo* e *Zero Hora*. O trabalho ocorreu durante o estágio, em média uma vez por semana. Eu tentava relacionar o assunto discutido nas notícias com a temática que iria trabalhar com os alunos durante a semana, a fim de que eles se sentissem mais seguros quanto à sua compreensão.

No primeiro momento, eu mostrava aos alunos o jornal com que iríamos trabalhar, apresentava a manchete e a notícia que era entregue para eles. Após algumas predições sobre a imagem e o título da notícia, era realizada sua leitura, e a partir daí ouvia a opinião dos alunos, os questionamentos e as reflexões.

Para embasar minhas análises, apoio-me em alguns autores que me auxiliaram. Primeiramente, tratando sobre a importância de se usar o jornal como material pedagógico em sala de aula, aproprio-me do estudo de Faria (2003). Realizei a leitura de seu livro *Como usar o jornal na sala de aula*, onde a autora apresenta ideias de como utilizar esse recurso pedagógico no espaço escolar. Algumas destas ideias serão descritas e aprofundadas dentro deste bloco analítico, a partir da forma em que foram realizadas na minha prática.

Na segunda categoria de análise, apresento a aprendizagem e a maneira que a mesma ocorre na formação dos conceitos embasando-me nos estudos de Moura (1999) e Ferreiro (2001).

Na última categoria de análise, é apresentado o conceito de letramento e a reflexão crítica da realidade, através dos estudos de Kleiman (2012), os quais conceituam o letramento como um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita;

Tfouni (1995) discutindo a questão da desigualdade social em que o letramento está atrelado; e Street (2010) sobre o modelo ideológico que ocorreu nesta prática de estágio. Por último, trago Freire (2006) tratando sobre a relação entre a leitura da palavra e a leitura de mundo.

Importante destacar que o Trabalho de Conclusão de Curso de Bruna da Cunha Fagundes (2012), cujo projeto de trabalho com o jornal foi utilizado em uma turma de alfabetização de jovens e adultos, me auxiliou também nesta pesquisa. As relações feitas pela autora, a partir dos estudos de Freire (2006), puderam me ajudar na compreensão de leitura de mundo e sua aproximação do letramento.

3.1 JORNAL: MATERIAL REFLEXIVO E QUESTIONADOR

Nesta categoria, apresento a importância do jornal em minha prática através de alguns recortes extraídos do Diário de Classe.

O jornal, como material pedagógico, se torna relevante, pois vai além da sua leitura, provoca um *status* de ser leitor, bem informado e valorizado por ser bem informado, por este símbolo da cultura letrada. Nesse sentido o jornal é um material difundido dentro da prática social.

Para embasar as análises desta categoria, aproprio-me dos estudos de Maria Alice Faria (2003). A autora apresenta a importância do jornal em sala de aula destacando seus benefícios, como a relação com a realidade e a possibilidade de se realizar uma leitura crítica do jornal, tornando a aula mais próxima do cotidiano dos estudantes. A partir desta leitura e reflexões da autora, consigo compreender as inúmeras possibilidades que o jornal traz para se trabalhar em sala de aula, visto que esta é uma habilidade reconhecida, capaz de preparar leitores experientes e críticos para desempenhar seu papel na sociedade.

Acredito que o professor deva estabelecer relações entre a escola e a sociedade, e o jornal é um material importante para o leitor se situar e opinar criticamente em relação à vida social. Sendo assim, concordo que: “Um dos principais papéis do professor seria, pois, o de estabelecer laços entre a escola e a sociedade. Ora, levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola” (FARIA, 2003, p. 11).

Dessa forma, a ideia era que os alunos, juntamente com minha intervenção, pudessem ler as notícias e discutir sobre elas, sobre sua compreensão, acordos e desacordos, questionamentos e reflexões.

A ideia era que fossem envolvidos e participantes da aula, que esta se tornasse mais significativa para eles, estabelecendo relações com suas vivências, através do jornal. Sendo assim, “[...] o jornal se transforma numa ponte entre os conteúdos teóricos dos programas escolares e a realidade” (FARIA, 2003, p. 12). A partir desse portador de texto era possível fazer a relação da informação da notícia, com conceitos que eu gostaria de trabalhar com os alunos.

As notícias acabavam tendo um caráter interdisciplinar, abrangendo diversas áreas do conhecimento; o que me possibilitou estabelecer relações com os temas abordados, fazendo sentido aos alunos, e conseguindo contribuir com suas próprias vivências, quando possível.

Um destes exemplos foi na semana em que estávamos trabalhando a questão da água, sua importância e consumo, como é exposto a seguir:

Quadro 1 – Recorte do Diário de Classe do dia 9/9/2013.

Levei aos alunos uma notícia do jornal *Zero Hora* a qual falava da falta de água devido ao desperdício da mesma. Os alunos foram questionados sobre onde usamos a água, em que situações gastamos mais e se sabiam como economizar a água no nosso dia a dia. A partir desse momento, tratei com os alunos a questão de que, apesar de termos muita água no planeta, grande parte dela é salgada e, sendo assim, imprópria para o consumo. No outro momento da aula, foram usadas contas de água e a partir da problematização das mesmas foi proposto que eles realizassem operações matemáticas com os valores da própria conta.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Desse modo, foi enfatizada a matemática e as ciências naturais a partir de um mesmo assunto que foi trazido através da reflexão da notícia contida no jornal. Analisando, percebi o quanto foi importante para os alunos essa primeira conversa, pois acabaram conhecendo mais sobre o assunto e sobre a importância do consumo consciente que antes para alguns não existia. Como o exemplo do aluno R., que mora no asilo Padre Cacique de Porto Alegre, que disse: “Lá no Padre Cacique a gente nunca se preocupou com isso de não gastar muita água, não sabia que isso

era importante”. E a aluna I., que já sabia dessa importância, pôde ampliar seu conhecimento ao ser problematizada a questão de como realizar essa economia em nossas casas. Este fato foi percebido através de sua fala, quando disse: “Eu já sabia que a gente tinha que economizar água, por que com ela a gente faz tudo, né?, mas não sabia que tinha tanta coisa que a gente podia fazer em casa, achei que era mais difícil de economizar.”

Entendo que estes dois exemplos trazem a ideia de que, com os questionamentos, reflexões, fala da professora e dos colegas, os conhecimentos e as aprendizagens vão se aprimorando a partir do jornal. Este material se tornou relevante para este grupo de alunos neste contexto. E percebo que ele “[...] ajuda a relacionar seus conhecimentos prévios e sua experiência pessoal de vida com as notícias” (FARIA, 2003, p. 12).

A minha ideia não era de apenas passar o conhecimento e falar que precisamos economizar água para o planeta e sobre sua importância, mas que os alunos fossem autônomos para poder chegar ao entendimento do por que isso é necessário e como podemos fazer a nossa parte, nos tornando mais conscientes. Nesse sentido, concordo que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22). Essa era minha proposta, criar alternativas para que os estudantes chegassem às suas próprias conclusões acerca de determinado assunto.

Outra atividade que destaco foi na semana em que trabalhamos com gêneros textuais através de algumas manchetes em destaque. Uma delas tratava sobre o cercamento do Parque da Redenção, e a partir de sua problematização os alunos deveriam escrever uma carta ao prefeito demonstrando sua opinião.

Quadro 2 – Recorte do Diário de Classe do dia 9/10/2013.

Os alunos se sentiram à vontade na escrita, pois a notícia se tornou um assunto que eles problematizaram dando sua opinião oralmente, e sendo assim foi mais fácil colocar no papel. Nesse sentido, observei um maior envolvimento na escrita autoral deles, que antes era muito difícil de ser realizada, pois parecia estar descontextualizada. Nesta aula, acabou havendo uma divisão da turma, pois uns dividiam uma opinião e outros a oposta, eles interagiram entre si e falavam com propriedade sobre o assunto. Percebi também o quanto eles estavam se ajudando, fato que antes também não percebia. Ao serem questionados sobre os gêneros dos textos, cada um lia um parágrafo, iam fazendo colocações do por que seria uma notícia ou não, me chamou atenção em

um certo momento que o aluno R. alegou que a atividade era uma notícia, pois estava dentro do jornal, e a aluna V. ajudou dizendo: “Mas não é por que tá no jornal que tem que ser uma notícia, minha filha já colocou no jornal a casa da praia pra alugar e isso não é uma notícia”. R. então responde, concordando: “Tá certa, V., também tem os anúncios, né?”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Essa atividade foi proposta com o intuito de instigar os alunos à escrita, pensando em algo significativo para eles, em que eles se engajassem. Concordo com Dalla Zen (2004) quando diz que é possível formular atividades desafiadoras e exigentes, de forma que os alunos aprendam de uma forma estimulante, reflexiva e prazerosa, e não de uma forma maçante, exaustiva, baseada em meras reproduções, com atividades que não instiguem o aluno a refletir. Neste caso, esta atividade também me fez perceber o quanto os alunos estavam se ajudando, dialogando, e como a fala de um aluno faz o outro refletir sobre a sua própria reflexão. Senti também que eles estavam mais unidos, pois podiam compartilhar com o outro o que pensavam.

Por vários momentos, no estágio, eu notava que os alunos estavam se dando conta de que o jornal era o tema de nosso trabalho sem que precisasse ser dito, e eles iam percebendo também a relevância deste portador de texto. No excerto do Diário de Classe que segue, os alunos discutem a relevância do jornal:

Quadro 3 – Recorte do Diário de Classe do dia 23/9/2013.

Destaco nesse dia que a aluna M. A., que dificilmente costumava participar de nossas discussões, conseguiu contribuir dando sua opinião: “Acho muito boa essa notícia sobre este programa dos médicos, pra gente saber como tá acontecendo mesmo”. A partir da fala da colega, sem que eu interferisse, o aluno J. destacou: “Esse é um dos motivos de ler o jornal, pois nele podemos encontrar informações que nos interessam, que nos ajudam, e assim estar em contato com o mundo à nossa volta”. A aluna V. contribui dizendo: “Para mim também é bom, por que fica melhor de conversar com as pessoas, tem mais assunto”. A partir dessas falas dos alunos, questioneei o resto do grupo sobre o que pensavam a respeito da leitura do jornal e por que a mesma seria importante. O aluno P. respondeu: “A gente conversar sobre as notícias tá sendo bom também pra gente aprender, saber, falar melhor com as pessoas”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Percebi que o hábito que estava se criando da leitura do jornal tinha relevância para eles não só em suas aprendizagens, mas algo que acabava indo

além da sala de aula. Como alega o estudante J., que é uma forma de estarem em contato com o mundo. Dessa forma, acredito que o papel do jornal “[...] vai além da prática da leitura, do contato com a informação, do desenvolvimento de sua inteligência e de outros fatores que nos aconselham a usar o jornal na sala de aula” (FARIA, 2003, p. 12). Em minha prática, este portador de texto foi conduzindo as aulas, costurando aprendizagens e reflexões críticas sobre a realidade.

Consegui perceber o interesse cada vez maior dos alunos pelo jornal. Em algumas semanas, eles até traziam assuntos que gostariam de falar, e eu procurava atender as suas demandas. No excerto a seguir, é perceptível esse interesse dos alunos, quando um deles propõe um assunto e outro leva o jornal com a notícia da temática para ser trabalhado:

Quadro 4 – Recorte do Diário de Classe do dia 30/10/2013.

Ao tratarmos sobre o prêmio Nobel, temática escolhida a partir da dúvida do aluno J., o aluno P. levou para a aula uma postagem do jornal *Zero Hora* que tratava sobre o prêmio Nobel. Fiquei feliz, pois percebi que os alunos estão engajados na temática que estudamos e trazendo a notícia para ser problematizada.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Na última semana, realizei junto com os alunos um jornal de memórias onde deveriam fazer uma retomada de suas aprendizagens e a importância do mesmo para eles. Em suas escritas lembraram diversas notícias trabalhadas e que foram marcantes para eles por algum motivo, como visto a seguir:

Quadro 5 – Recorte do Diário de Classe do dia 20/11/2013.

Produção da aluna M. T.: “Gostei quando a gente falou da saúde, porque conversamos bastante, todo mundo tinha alguma coisa pra falar e as perguntas que a professora ia fazendo a gente ia conseguido responder”.

Produção da aluna I.: “O melhor dia foi quando falamos da água, também porque deu pra saber como a gente pode fazer em casa pra economizar”.

Produção da aluna M. A.: “Quando a professora falou do efeito estufa, primeiro não gostei, porque não sabia muito bem o que era, mas depois que a gente conversou e com o desenho ficou mais fácil de saber o que era”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

A escrita da aluna M. T. retrata os questionamentos que eu ia propondo, para explorar a interpretação dos alunos. A minha ideia com eles era que os alunos pudessem pensar melhor a respeito dos conceitos que estavam sendo trabalhados e para que assim a compreensão ocorresse mais facilmente. Porém, entendo que com as discussões não ocorria apenas a interpretação, mas sim a reelaboração dos conceitos, que iam se modificando e se constituindo a partir de relações com outros conceitos. Como no exemplo onde questiono os alunos sobre o conceito de saúde e são feitas relações também com o conceito de doença e SUS. Como diz Faria (2003, p. 21): “Conduzir a classe com perguntas de compreensão sobre o texto. São perguntas que induzem os alunos a levantarem hipóteses pertinentes sobre o caso estudado”.

Quando a aluna M. A. destaca que primeiramente não sabia muito sobre o assunto, mas que depois da conversa ficou mais fácil de compreender, fica claro que os conceitos são mais bem compreendidos e desenvolvidos quando discutidos e assim também se pode obter mais informações sobre um assunto.

3.2 APRENDIZAGEM E O CAMINHO PARA ENTENDÊ-LA

Tenho convicção do quanto é importante para o professor saber como seus alunos aprendem, não só para saber avaliá-los com fundamentação, mas também para saber propor atividades desafiadoras e motivadoras para esses sujeitos.

Porém, vi na prática o quanto essa tarefa é difícil e cuidadosa. Um instrumento que me auxiliou bastante nessa tarefa de análise foi o Diário de Classe, pois através dele eu ia percebendo aspectos de cada aluno, também suas aprendizagens, dificuldades, avanços e retrocessos.

As aprendizagens dos alunos em relação à oralidade, leitura, escrita e as outras áreas do conhecimento foram notáveis através da percepção de suas falas e realização de trabalhos. Porém ficou a inquietação de saber como acabaram se dando esses momentos, como ocorria este avanço através do trabalho com o jornal. Os alunos partiam de um momento que não sabiam sobre determinado assunto, ou sabiam pouco, para um momento onde já conseguiam fazer relações, reflexões, interagir com os outros, e até mesmo propor questionamentos.

Entendo que a aprendizagem seja provocada por situações, neste sentido o trabalho com o jornal, a partir das problematizações feitas, questionamentos e discussões, era uma provocação aos alunos, que os fazia pensar sobre os conceitos que estavam sendo discutidos e dessa forma poderiam ser reelaborados, ampliados e modificados.

Nesta categoria de análise, reporto-me a Mayra Patrícia Moura (1999), que aponta a ideia de que há uma reformulação dos conceitos a partir das discussões, trocas, reflexões e também se constituem na relação com os outros conceitos, e que estes momentos devem ser ofertados aos alunos.

A partir de sua leitura, chama-me atenção a discussão que a autora faz sobre a influência da escolarização nos modos de funcionamento cognitivo dos sujeitos que pertencem a grupos culturais “mais letrados” frente a sujeitos de grupos culturais “menos letrados”. Neste caso, os indivíduos, quando escolarizados, apresentariam maior capacidade de desenvolver um pensamento descontextualizado, sem se reportar às experiências vividas. No caso de sujeitos pouco ou não escolarizados, estes apresentam um pensamento mais dependente de sua realidade vivenciada. Porém, todos os sujeitos precisariam estabelecer relações com outros conceitos. Fato este percebido durante minha prática, nos conceitos trabalhados com os estudantes, que em diversos tinham que fazer essas relações, dependendo da sua realidade.

Para a autora estes momentos de discussões e trocas acabam oportunizando a reformulação dos conceitos, e essas relações com os outros conceitos, apresentada como uma direção para a construção de um pensamento mais complexo e mais descontextualizado, também seria uma forma de o sujeito reelaborar um conceito.

Esse pensamento também se aproxima dos estudos de Emilia Ferreiro (2001) quando traz a teoria de Piaget para discutir a gênese dos objetos socioculturais e sua transformação em objetos de conhecimento e conduz ao pensamento de que não há uma adição dos conhecimentos, mas uma reestruturação deles, e assim consiste o crescimento intelectual.

A partir de Ferreiro (2001), compreendo que o progresso cognitivo está sempre em processo de construção, o que ocorre são momentos em que os conceitos/pensamentos se reorganizam a partir de uma nova ideia que fez sentido e dessa forma ampliando ou até mesmo podendo modificar o que pensávamos antes. Segundo Ferreiro (2001, p. 94), essas novas estruturas que se modificaram “[...] são relativamente estáveis, dentro de certos domínios e por certo tempo, até que novas crises cognitivas obriguem a uma nova reestruturação”. Acredito que essas crises cognitivas trazidas pela autora possam ser quaisquer momentos que façam o sujeito ter de questionar novamente um conceito e assim ocorra uma reestruturação do que ele pensa sobre determinado assunto/conceito.

Partindo dos pensamentos educacionais, conforme Ferreiro (2001, p. 9), “processos de aprendizagem vinculados a objetos propriamente simbólicos, produtos culturais com alto ‘valor social agregado’, como a escrita e o jornal, possuem enorme valor em nossa sociedade”. Na minha pesquisa, tendo o jornal como fonte de conhecimento, os processos de aprendizagem partiram desse objeto simbólico, fortalecendo o sujeito e encorajando-o para novas práticas sociais. O jornal carrega o valor das informações e traz ao sujeito que o lê *status* e representação social de uma pessoa “bem informada, culta”. Os alunos se apropriaram da leitura do jornal, este material é carregado de significações sociais, nesse sentido os processos de aprendizagem que aqui serão analisados estão vinculados a um projeto com a utilização do jornal, sendo que este não é um texto qualquer, o que torna este trabalho mais rico e complexo, representando cultura em nossa sociedade.

Foi perceptível em minha observação e na fala dos alunos o poder que este material lhes trouxe, pois este é um veículo da informação com características próprias, estimulando-os em sua leitura e reflexão e até mesmo para que se sentissem mais seguros a conversar com as pessoas em seu cotidiano e resolver situações do dia a dia.

Meu objetivo era que este jornal fizesse sentido para os estudantes e fosse além das informações que continha, que os alunos pudessem buscar o que tem por trás das informações, o que elas nos trazem, que reflexões podemos fazer. Com essa busca e descobertas o sujeito aprende, constrói o mundo e se constrói.

Enfim, um dos exemplos dessa relação de ensino-aprendizagem se deu ao perceber alguns conceitos que os alunos não compreendiam. Como exemplo, o conceito de *site*, que surgiu através do questionamento da aluna Tereza que alegava ouvir muito sobre, mas não entender direito o que era, assim como os outros alunos.

Quadro 6 – Recorte do Diário de Classe do dia 10/9/2013.

Este foi um dos momentos em que percebi o quanto é difícil o papel do professor, pois devemos responder aos questionamentos do aluno de forma que facilite o seu entendimento. Surgindo o questionamento de *site*, tentei explicar aos alunos que *site* é um local dentro da internet que se acessa através de um endereço; assim como as nossas casas têm um endereço, cada *site* tem um. Expliquei também que esse *site* vai conter informações, textos, imagens, vídeos etc. Os alunos iam questionando mais sobre o assunto. A aluna M. A. perguntou: “Mas, professora, o *site* fica dentro do computador? Ou é pelo endereço do *site* que coloca no computador?” Antes da minha fala, a aluna V. respondeu: “M., a gente tem que digitar esse endereço do *site* e daí as informações dele que vão aparecer no computador”. Foi interessante perceber que eles interagiram entre si e novos questionamentos iam surgindo, como no caso do aluno R., ao questionar: “Mas, professora, o que é internet?”. Expliquei que internet é a rede que nos possibilita conectar o *site* e que *site* não é uma palavra da língua portuguesa e por isso não se pronuncia o som do “i”. Os alunos então questionaram como deveriam ler/falar essa palavra, expliquei então como deveriam falar, e eles se mostraram contentes em aprender. Na fala de M. A.: “É bom aprender, daí não precisa ter vergonha se não sabe falar alguma palavra”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Entendo que os questionamentos dos alunos, a interação entre eles e as discussões sejam de grande relevância, pois ajudam na formação do conceito. Segundo Moura (1999, p. 109), a cada nova opinião vai sendo acrescentado algo, sendo reformulado através da discussão do grupo, contribuições dos alunos etc. Ao questionar sobre o conceito de *site* os alunos acabaram chegando também no conceito de internet e assim por diante.

Outro exemplo no qual percebi um avanço na aprendizagem dos alunos foi ao tratarmos das transformações ambientais, assuntos tratados a partir de uma notícia do jornal e discussão.

Quadro 7 – Recorte do Diário de Classe do dia 12/11/13.

Ao iniciar a aula com a reflexão sobre a notícia do jornal *Zero Hora* sobre a poluição dos rios, os alunos se mostram impressionados com a informação de que os peixes estavam morrendo pela

poluição no Guaíba. A aluna E., ao ler que os peixes estavam morrendo em decorrência da poluição vinda do rio dos Sinos, questionou: “Quer dizer que isso está ocorrendo por causa da poluição que vem do rio dos Sinos e não só do Guaíba, né, professora?”. Eu concordei e o aluno J., então, alegou: “É um efeito disto, por isso também os peixes estão morrendo”. Eu concordei e questionei os alunos sobre quais outros efeitos podem causar a poluição dos rios, e a aluna E. respondeu: “Minha irmã mora perto do Guaíba e às vezes fica com um cheiro ruim lá, as pessoas jogam lixo”. O aluno J. fala, então: “Mas a situação do Guaíba já melhorou bastante, esses tempos fui pra lá e vi que tava bem limpo”. Eu concordo dizendo que também há essa poluição, decorrente dos esgotos sem tratamento lançados nos rios. Após o intervalo, solicitei aos alunos que escrevessem o que tinham compreendido da aula, ou alguma dúvida que havia ficado. A aluna V. escreveu: “Eu gostei da aula, não sabia que coisas que acontecem num lugar podem provocar coisas em outros lugares, como o J. disse, e também tava na notícia, é um efeito”. Já a aluna M. A. escreveu que “a aula de hoje foi boa, falamos sobre a poluição, é importante a gente cuidar com a poluição dos rios e do nosso Guaíba”. A aluna I. escreveu: “A aula foi boa porque com a notícia, e quando a gente conversou deu pra saber que a poluição nos rios causa muita coisa ruim, os peixes morrem, dá mau cheiro, e isso acontece também porque as pessoas jogam lixo nos rios”. Os outros alunos escreveram sobre o quanto ficaram impressionados que os peixes morriam devido a essa poluição.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Algo que percebi é que no início do estágio eles praticamente não faziam perguntas, e após um tempo não se sentiam mais intimidados. Penso que se sentiram valorizados e por isso sem receio de perguntar ao ter dúvidas ou querer confirmar suas ideias. Os debates das notícias também proporcionaram essa atitude questionadora dos alunos. Nesse exemplo percebo que os alunos já conseguiam interpretar a notícia, aspecto que era dificilmente realizado nas primeiras semanas de estágio, porém com a ajuda dos colegas essa compreensão fica mais fácil. Compreendo também que alguns alunos não sabiam o que a poluição poderia causar e como a mesma se dava, foi importante ver em suas respostas sobre a aula, que acabaram ficando alguns aspectos marcantes para eles. É perceptível na fala da aluna E. que ela usa de um exemplo vivenciado sobre a situação a poluição, e através dessa experiência relaciona com o assunto tratado. Dessa forma, “[...] a experiência pessoal, o vivido de cada um, transparece nos exemplos citados” (MOURA, 1999, p. 107). Este fato foi percebido por diversas vezes durante o estágio, os estudantes tentavam trazer algo vivenciado para explicar suas teorias sobre algum conceito ou assunto. Ainda segundo Moura (1999, p. 108), quando a fala dos alunos reflete as suas experiências, revela-se: “[]um modo de funcionamento

cognitivo contextualizado, isto é, um pensamento atrelado à realidade vivenciada, concreta e imediata”. Esta pode ser uma forma que o sujeito encontra, primeiramente, para constituir um conceito que depois vai se reelaborando, ampliando-se ao pensar sobre seu pensamento, discussões, questionamentos.

Outro assunto trabalhado também sobre as transformações ambientais foi o efeito estufa, assunto que os alunos já tinham ouvido falar na TV, mas não se sentiam confiantes a explicar. Achei importante trazer a notícia, pois a partir dela os alunos conseguiram compreender melhor o assunto. Assim mostraram suas dúvidas e eu senti que foi mais fácil conduzir a aula dessa maneira.

Quadro 8 – Recorte do Diário de Classe do dia 29/10/2013.

Ao iniciar a aula, questiono o que os alunos sabiam sobre efeito estufa, e eles não se sentiram confiantes em falar, pois alegavam não saber explicar. Como foi perceptível na fala da aluna I. ao dizer: “Ai, professora, eu te digo que já ouvi falar na TV, mas não sei explicar, não entendi bem quando passou isso, achei meio complicado”. Ao lermos a notícia, os alunos iam se questionando e eu explicando através de exemplos mais simples como uma estufa para cultivar plantas, então a aluna V. questionou: “É como se o calor entrasse e não saísse?”. Respondo que essa é a ideia e pergunto se alguém quer me ajudar a fazer o desenho no quadro. O aluno J. se disponibiliza e, após este momento, a aluna G. alega: “Com o desenho agora dá pra entender um pouco melhor”, e a aluna T. questiona: “O calor é o mesmo que o sol?”. Explico que o calor é devido aos raios de sol, assim como está representado no desenho. A partir desse momento, expliquei mais detalhadamente aos alunos como acontece e dei alguns outros exemplos. Eles foram interagindo e por fim deveriam escrever suas compreensões da aula. Aluno P: “Essa aula achei difícil, mas, com os colegas falando o que eles sabem, dá pra entender melhor.” Aluna A.: “Não fazia ideia que o efeito podia ser bom para a Terra não esfriar demais”. Aluna T.: “Pra conseguir entender melhor, o bom mesmo foi o desenho, pra gente ver os raios de sol.”

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Questionei os alunos sobre o que eles já sabiam sobre o assunto, pois acredito ser importante saber o que este aluno já traz sobre determinada temática, sendo esta também uma forma de respeitá-lo e conhecê-lo. Moura (1999) traz a importância de conhecer seu aluno, o que o mesmo já sabe sobre um assunto, para que não cometa o erro de impor o seu conceito, pois ambos podem não compartilhar do mesmo pensamento.

Foi interessante ver o quanto o desenho também pode ser uma forma de reconstrução do conceito, assim como a interação entre os colegas e minha explicação a partir da notícia podem contribuir na compreensão dos alunos na temática. Concordo com a seguinte autora quando destaca que nas aulas devem ser ofertados esses momentos de troca:

[...] enfatizamos a necessidade de cada aula se constituir num momento de troca, de negociação de sentidos, do qual o professor deve ter consciência a fim de permitir e possibilitar um espaço aberto de permanente reflexão e discussão (MOURA, 1999, p. 113).

Este sempre foi um dos meus objetivos, de oferecer aos alunos um espaço onde eles se sentissem à vontade de expor suas ideias, trocas com os colegas e reflexões. Neste exemplo e também em outros momentos do estágio eu tinha o interesse de deixar que os alunos pudessem falar suas teorias sobre os conceitos, notícias, enfim, para após esse momento vincular ao conceito científico, acredito que:

[...] o professor precisa ajudar a classe com perguntas que conduzam os alunos a chegar à sua própria conceituação. Só depois disso é que o professor deverá dar uma conceituação mais técnica ou mais completa para que os alunos cotejem com as suas, para corrigir ou completar o que for necessário (FARIA, 2003, p. 25).

Esse assunto foi tratado por mais de uma semana devido ao grande interesse dos alunos foi sobre a saúde, já que este tema era sempre foco de seus assuntos. Através dele trabalhamos também com as notícias e com a questão da alimentação saudável, do programa Mais Médicos, e ainda foram feitas relações com a matemática, através de alguns números do SUS, e realizados ditados com palavras das notícias.

Quadro 9 – Recorte do Diário de Classe do dia 23/9/2013.

No início da aula, trouxe aos alunos o Xerox de uma reportagem do *Diário Gaúcho* que tratava do programa Mais Médicos, o aluno R. alegou já ter ouvido falar na TV, mas não sabia muito bem o que era, outros alunos como ele concordaram dizendo que tinham visto algo na TV, mas não entendiam o que seria. Expliquei aos alunos que este é um programa do governo, assim como existem outros programas de incentivo à saúde, questionei se eles sabiam me dizer algum. A aluna Vera respondeu: “Eu sei que tem o da farmácia popular, que tem os medicamentos baratos, tem uma aqui perto até, professora”. O aluno R. alegou também saber “que tem sempre essas

campanhas de combate à dengue”. Concordei e disse que existem outros ainda, e que devemos nos informar dos nossos direitos. Ao lermos a notícia, questionei os alunos sobre o entendido, e a aluna I. respondeu: “Eu vi que esses médicos que vêm de outros países pra trabalhar aqui, e agora eles têm o mês de setembro pra começar”. A aluna V. falou: “Duvido que comecem a trabalhar esse mês, aqui no Brasil tudo demora”. Essa fala da aluna gerou a fala de outros alunos sobre a situação da saúde em nosso País, e a aluna M. D. falou: “A nossa situação do SUS é muito difícil, a pessoa tem que ficar muito tempo pra marcar uma consulta, isso não tá certo”, os alunos concordam e eu questiono se eles sabem o que quer dizer o SUS. O aluno J. responde: “Eu sei o que quer dizer, mas não sei explicar”. A aluna V. responde: “É a saúde pública do País”. A aluna E. questiona: “Mas o que quer dizer cada letra, professora?”. Respondo aos alunos, então, que quer dizer Sistema Único de Saúde e que tem que atender desde procedimentos simples até cirurgias como transplante de órgãos. Os alunos então falam de como esses procedimentos demoram e acreditam que o mesmo irá acontecer com o programa Mais Médicos.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Neste excerto do Diário de Classe, percebo que os alunos já tinham conhecimentos sobre o assunto, porém pôde ser acrescido de novas informações, que antes eles não tinham. Os alunos já sabiam sobre o programa Mais Médicos, pois o mesmo havia sido comentado em outras fontes de informação, porém através da discussão da notícia conseguiram compreender do que se tratava e criar uma opinião sobre o assunto, fazendo uma relação com o nosso sistema de saúde pública. Segundo Moura (1999), os conceitos se relacionam, um vai dependendo do outro, como aconteceu neste caso, em que tratamos do programa Mais Médicos e surgiu a discussão do conceito de SUS e a reflexão sobre a situação pública de nosso País.

Para ser construído um conceito dependeu-se do outro e foi composto nas relações estabelecidas entre eles. Compreendo que o conhecimento seja construído também a partir da interação com o mundo, e neste caso o uso do jornal serviu para ser feita essa conexão.

Percebi também que os alunos, ao serem questionados sobre alguns conceitos, acabavam falando suas teorias e pensando sobre elas, sobre seu próprio pensamento, como no exemplo a seguir:

Quadro 10 – Recorte do Diário de Classe do dia 24/9/2013.

Iniciei a aula retomando com os alunos a notícia lida no dia anterior e propondo a eles o seguinte questionamento: O que é saúde? A aluna V. então respondeu: “A primeira coisa que eu penso é em doença”. Eu a questiono sobre sua resposta, e ela continua: “Porque eu só penso em saúde quando

tô doente, né, professora? Uma coisa leva a outra”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

No momento em que a aluna V. explica como chegou a determinada resposta e a relação que faz entre saúde e doença, está pensando sobre sua teoria, a fim de firmar um conceito para a mesma, e exercendo uma atitude de metacognição, como explica a seguinte autora:

[...] ao tentar explicitar suas teorias acerca de determinado assunto, o sujeito pensa sobre seu próprio pensamento, e essa volta da consciência sobre si mesmo reorganiza os conceitos na direção do objetivo estabelecido, modificando-os na busca por consolidar uma resposta (MOURA, 1999, p. 109).

Continuando com o mesmo questionamento, percebo um momento em que há uma divergência de opiniões em torno do conceito de ser saudável, como no excerto do Diário de Classe a seguir:

Quadro 11 – Recorte do Diário de Classe do dia 24/9/2013.

Já a aluna M. T. responde: “Saúde é nosso bem-estar, é estar saudável, feliz, de bem com a vida”. Questiono sobre o que é estar saudável e ela pensa um pouco para responder, e depois constata: “É quando a gente tá bem”. Eu questiono como fazemos para ficar saudáveis, ficar “bem”, e a aluna responde: “A gente tem que se alimentar bem, não exagerar nas gorduras, nos doces, fazer exercícios”. O aluno P. discorda: “Mas isso nem adianta muito também, porque tem pessoas que, quanto mais se cuidam mais tão doentes. Um cunhado foi assim, não fumou a vida inteira e teve câncer de pulmão”. O aluno J. chega à conclusão: “P. também tem razão, às vezes não adianta a gente se cuidar, comer bem, fica doente do mesmo jeito”. Eu questiono o que podemos concluir, e a aluna M. T. responde: “Dá pra ver que os dois estão certos”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Nesses momentos, os alunos ficam confusos sobre o que seria uma pessoa saudável, pois não conseguem fechar um conceito único, visto que ambas as opiniões dos colegas são aceitas, pois sabemos socialmente que o indivíduo saudável deve se alimentar bem, porém também é de conhecimento que em alguns casos a pessoa que se cuida também pode ficar doente, e até mesmo doenças graves. Sendo assim:

[...] sempre que uma opinião foi questionada ou uma declaração foi posta em xeque, pareceu haver uma reestruturação conceitual por parte do indivíduo que buscava formular uma resposta ou solucionar um impasse. Essa reestruturação conceitual parece mostrar várias facetas de um mesmo conceito em constante rearranjo interno e externo, este proporcionando novas ligações com os outros conceitos e assim por diante (MOURA, 1999, p.109).

Percebi que essas reestruturações conceituais faziam os sujeitos aprimorarem seus conceitos e pensar sobre eles, adquirindo maiores informações sobre determinado assunto, a partir da fala dos colegas e até mesmo da minha. O que ocorria não era um acréscimo de conhecimento, mas sim uma reconfiguração desse que já existia, como explica a teoria piagetiana:

Uma das grandes descobertas piagetianas foi demonstrar que o crescimento intelectual não consiste em uma adição de conhecimentos, mas em grandes períodos de reestruturação e, em muitos casos, reestruturação das mesmas informações anteriores, que mudam de natureza ao entrar em um novo sistema de relações (FERREIRO, 2001, p. 94).

Nesse sentido, é possível elencar-se novos conhecimentos a partir do que já sabemos, em um constante processo de aprendizagem, ampliando, complexificando e resignificando os conhecimentos.

3.3 LETRAMENTO E A REFLEXÃO CRÍTICA DA REALIDADE

Partindo do pressuposto de que o jornal já traz consigo a ideia de que através dele recebemos informações, este nos reporta ao letramento, pois como experiência já sabemos deste fato, mesmo sem sermos alfabetizados.

Quando comecei o meu trabalho, através deste portador de texto, como meus alunos já eram alfabetizados, quis alcançar como objetivo principal que pudessem ler as informações e fazer uma análise do que estava sendo informado, fazendo uma reflexão crítica da realidade ali apresentada. Porém, deixo claro que este processo é longo e minha proposta era de iniciá-lo com os alunos, no tempo que a mim era imposto. Sendo assim, eu não almejava que os alunos apresentassem drásticas mudanças em suas reflexões.

Para compreender melhor o letramento, reporto-me a Kleiman (2012) e Tfouni (1995), no que diz respeito ao seu conceito, e a Street (2010) tratando sobre o modelo ideológico de letramento, no qual as práticas de leitura e escrita são

contextualizadas. No modelo autônomo, as práticas têm um fim em si mesmas, o que acontece nas práticas escolares tradicionais.

Iniciando com o conceito de letramento para Kleiman:

[...] letramento é aqui considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder (KLEIMAN, 2012, p. 11).

Neste caso, meu objetivo com essa prática de letramento utilizando o jornal era que esse portador de texto fizesse sentido para os estudantes considerando suas práticas sociais adquiridas antes de chegarem à escola, a bagagem que carregam consigo. O letramento no modelo ideológico ultrapassa o ato de ler e escrever mecanicamente. A escrita na escola deve ter relação com a escrita fora da escola, atendendo as exigências da sociedade e os diferentes tipos de texto. É preciso compreender os significados da leitura e da escrita em diferentes contextos, fazendo uso da leitura e escrita como prática social.

Para Tfouni, o letramento é apresentado como:

[...] um fenômeno socio-histórico, e que investigá-lo implica estudar as transformações que ocorrem em uma sociedade quando suas atividades passam a ser permeadas por um sistema de escrita cujo uso é generalizado (TFOUNI, 1995, p. 55).

Nesse sentido o letramento é um processo sociocultural, faz parte do contexto onde as pessoas moram, circulam, e vinculam saberes que são transmitidos e socializados. Partindo desse pressuposto, muitos processos de letramento são comuns a todos dentro deste contexto, mas com diferentes níveis. Não podemos supor, por exemplo, que todos possuem o hábito da leitura do jornal e a capacidade de realizar uma leitura crítica do mesmo. Trago como exemplo meus próprios alunos, pois, ao introduzir este projeto, tinha a consciência de quem nem todos possuíam este hábito de leitura. Compreendo também que o letramento depende das condições em que o sujeito se encontra, sejam elas sociais, econômicas ou culturais, e da experiência do mundo do trabalho. A partir do momento em que as condições sociais e econômicas se alteram, também podem se modificar as possibilidades em relação ao letramento. Nem todos têm o mesmo acesso aos bens culturais e vivem as mesmas experiências, o que acaba por influenciar nas práticas sociais de leitura e escrita. Dessa forma, a desigualdade social acaba intervindo no nível de letramento.

Nesta mesma discussão, Tfouni (1995) alerta sobre os conhecimentos das sociedades letradas e como eles estão divididos de forma desigual na sociedade. Neste caso, os excluídos da escola, os que ocupam posições subalternas de trabalho, os grupos mais pobres da sociedade, encontram-se na extremidade mais inferior dessa distribuição de conhecimento, comparado àqueles de classe mais alta e com mais experiências e vivências culturais e com uso da escrita. Sendo assim:

Em uma sociedade altamente letrada essa distribuição social não homogênea do conhecimento e das práticas sociais organizadas pelo letramento garante, de um lado, a participação eficaz dos sujeitos que dominam a escrita, e, por outro, marginaliza aqueles que não têm acesso a esse conhecimento [...] (TFOUNI, 1995, p. 64).

Quando estudamos e nos aprofundamos nesta temática, isso implicará estudarmos os fenômenos e integrá-los no nosso sistema de escrita convencional. Lembrando sempre que cada sociedade possui sua própria forma de letramento. O que pode ser comum a um grupo de pessoas pode ter outro significado em outro contexto.

Pensando dessa forma, parti de algo que os estudantes já sabiam dentro de seu contexto, no caso as situações do cotidiano presentes no jornal, pois estavam em outras fontes de informação. Assim, já tinha metas estabelecidas ao iniciar o trabalho com o jornal, que os alunos pudessem refletir, questionar, opinar, construir novos conhecimentos, inserir mais profundamente os alunos nesta prática de leitura, assim como desenvolver a interpretação, a compreensão, usando desta ferramenta. Dessa forma, o sujeito entra em contato com a realidade na qual se insere através dessas notícias.

Pensando dessa forma, em minha prática ocorreu o modelo ideológico, vinculado à leitura de mundo, que, segundo Street (2010, p. 37), não seria apenas um modelo cultural, mas ideológico, pois há poder em suas ideias. O mesmo está dentro de um contexto específico, assim como as práticas de leitura e escrita, onde há troca de conhecimentos, compartilhamento de saberes, a partir de algo que já é do conhecimento dos alunos. A minha ideia era primeiramente trabalhar na base da oralidade para depois partir para a escrita, o sujeito antes precisava argumentar, refletir e questionar sobre a vida social. Este modelo interessa-se nas instituições

sociais e não apenas educacionais, acaba atingindo o contexto social mais amplo. Lembrando que, como há poder envolvido nessa ideia, esse tipo de modelo depende das concepções, das culturas, dos modos de ser e estar das pessoas que estão inseridas nesse ambiente.

Entendo que a leitura do jornal não tenha sido exercitada apenas como um trabalho, um portador de texto, sua função foi muito além. A ideia era de que se contribuísse para formação de sujeitos leitores, críticos e reflexivos a partir da interpretação daquelas notícias, discussão e interação das mesmas com nossa realidade. O letramento está atrelado com os usos da leitura e da escrita na vida em sociedade, tornando possível que o indivíduo esteja preparado para os diferentes tipos de linguagens que o rodeiam, selecionando as informações e materiais escritos que lhe interessam.

O importante é que os alunos, ao se apropriarem da leitura do jornal, foram se tornando mais confiantes em si mesmos, na sua capacidade de inserção social, de que as práticas de leitura fazem parte. As próprias notícias, ao serem compreendidas, proporcionaram a leitura da realidade em um novo patamar, mais profundo e complexo.

Esses aspectos acabavam ocorrendo no estágio, sendo esse um de meus objetivos com a proposta, e aqui pretendo analisar esses momentos.

Tratando sobre o tema da saúde, percebi o quanto os alunos se engajaram em suas falas através das experiências vividas.

Quadro 12 – Recorte do Diário de Classe 7/10/2013.

Iniciamos a semana ainda tratando sobre a temática da saúde, visto que o assunto tem sido de grande interesse dos alunos. Iniciamos com a leitura e o debate da notícia do jornal *Zero Hora* e inicio com a leitura da seguinte frase: “Me chama de Copa e investe em mim. Assinado: Saúde”. Questiono então os alunos sobre o que representa esta frase e sobre o que imaginam ser o assunto que segue na notícia. O aluno J. se prontifica a responder: “Ou deve ser da Copa ou da saúde, são as palavras que me chamam atenção”. Questiono por que e ele responde: “Por que a saúde a gente tem falado e a Copa tem bastante notícias agora”. Questiono novamente o que essa frase representa, como eles entendem. A aluna V. responde: “Acho que é porque tá tendo muito dinheiro pra copa, né, professora?”. Eu concordo dizendo que muito tem se gastando com as obras para a Copa e muito ainda há de se gastar. Ao lermos a notícia que tratava também

sobre as manifestações do mês de julho e o programa Mais Médicos, questiono agora os alunos sobre a temática da mesma. A aluna E. responde: “A notícia faz a gente pensar sobre essa situação da saúde, que precisa de investimento”. A aluna T. diz: “Na notícia eu pude entender algo que não sabia. Que as manifestações também eram sobre a saúde, por que os gastos com a Copa estão demais mesmo, tão esquecendo que a gente passa horas num hospital pra ser atendido”. O aluno P. concorda: “Minha irmã, que tem câncer, tá esperando há três meses pelo tratamento, e essa gente só quer saber da Copa”. Questiono a quem ele se refere com essa gente, e ele responde: “Os políticos, né, professora?, quem podia nos ajudar e não nos ajuda”. Os demais concordam com a posição do aluno P. e a aluna M. A. reclama: “O problema nem é só do SUS, minha vizinha tem plano de saúde .e diz que também demora pra tudo”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

A notícia acabou gerando uma crítica dos alunos em relação à situação da saúde e um momento para que eles demonstrassem sua indignação através de suas próprias experiências, por meio de exemplos vivenciados por eles ou por pessoas próximas. Nesse momento, percebo que a leitura acaba auxiliando a se pensar e analisar a realidade em que se vive, sendo assim exercida de maneira desafiadora e não mecanicamente.

Os alunos puderam questionar a própria realidade, exercendo uma reflexão crítica da mesma. Nesse sentido, o papel do professor enquanto formador é saber aproveitar as experiências dos estudantes, o que vivenciaram até o presente momento. Toda a oralidade do aluno deve ser valorizada e tem relação estreita com o seu processo de letramento. Segundo Kleiman (2005, p. 18), o processo de letramento é complexo e envolve um conjunto de habilidades ou uma competência do sujeito que lê. Abrange várias aptidões e conhecimentos, muitos deles sem relação com a leitura escolar, mas com a leitura de mundo, já que o letramento tem seu início no envolvimento da pessoa em práticas sociais, onde a escrita está presente.

Através de Freire (2006), compreendo que essa leitura de mundo vem da nossa experiência enquanto sujeitos, no encontro com o outro e nas nossas trocas existenciais. Essa troca começa já nos nossos primeiros anos de vida, onde através do olhar tentamos nos fazer entender e nos relacionamos com os nossos pares. Quando a palavra escrita se torna parte do nosso cotidiano, o nosso poder aumenta, assim como nossa relação com o mundo. Nossas ideias vão ganhando poder e

aprendemos a refletir com mais cuidado. Em outra de suas obras, Freire (2001, p. 136) destaca que, antes de escrever a palavra, o sujeito disse a palavra e leu o seu mundo, sua realidade. Ou seja, a leitura da palavra é precedida da leitura de mundo aqui discutida.

Aproprio-me também da relação que faz Fagundes (2012, p. 7) sobre o pensamento freiriano em relação à leitura de mundo e o letramento, e compreendo que não se lê apenas livros, jornais, revistas, lê-se o mundo. Ler é conhecer, observar as relações que existem no mundo. A leitura é um ato individual, mas não está sozinha, é necessária a capacidade de interagir com o mundo ao seu redor, assim o ato de ler e escrever é entendido como uma forma de empoderamento dos sujeitos.

Neste caso, entendendo o letramento como uso social que se faz da leitura e da escrita, e relacionando com o pensamento de Freire, a leitura e a escrita não são apenas habilidades mecânicas e técnicas, vão além disso, assim como explicita Fagundes (2012) quando diz que tanto o conceito de letramento quanto o pensamento freiriano:

[...] são capazes de transcender o ensino das habilidades técnicas do ler e escrever, o que considero de suma importância para a formação dos educandos que frequentam a EJA, pois urge a esses sujeitos participar das práticas de letramento disponibilizadas pela sociedade (FAGUNDES, 2012, p. 7).

Concordo com Fagundes, pois em minha prática também pude perceber a necessidade dos estudantes em utilizar a leitura e a escrita em situações do cotidiano. Seja em maior ou em menor grau, todos estão envolvidos neste processo.

No excerto a seguir apresento um momento de discussão em aula:

Quadro 13 – Recorte do Diário de Classe do dia 7/10/2013.

No outro momento da aula, retomamos a notícia e questiono os alunos sobre como poderíamos reivindicar nossos direitos a uma saúde pública de qualidade. A aluna T. responde: “Ai, professora, acho difícil mudar alguma coisa, viu?”. Respondo que é difícil, mas não pode ser impossível. O aluno J. concorda dizendo: “É verdade, professora, se tem dinheiro para a Copa, tem que ter para a saúde”. A aluna I. continua: “Mas nas eleições nem adianta muito, porque mesmo se procurarmos é difícil saber se o político vai ser bom para nós”. Questiono os alunos se eles

acreditam em outra forma possível de reivindicar, peço para que eles leiam com mais atenção a notícia para ver se encontram algo. A aluna V. então responde: “Uma forma também são as manifestações, se todos se unirem pode mudar alguma coisa”. Eu concordo dizendo que as manifestações têm que ser bem organizadas e saber pelo que está se lutando, com clareza. Os outros concordam dizendo que essa seria a melhor maneira.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Percebo que a resistência dos alunos ao pensar em uma melhoria seria pelas experiências vividas por eles em relação a essas classes mais desfavorecidas, porém que têm consciência da situação vivenciada e que para mudá-la é preciso ter uma atitude transformadora. Assim como destaca Freire (1979), pois para o autor o processo de transformação social só acontece quando tanto o professor como os alunos conhecem e conseguem refletir sobre a estrutura social em que se encontram. Podendo compreender que, se a estrutura social foi criada pelo ser humano, também pode ser modificada por ele, e desta forma é necessário buscar uma educação conscientizadora, em que ao conhecer a realidade, os sujeitos percebam também que podem transformá-la.

Minha ideia era deixar os alunos confortáveis a exporem suas ideias, para que assim se sentissem também respeitados e seguros para colocarem sua visão da realidade. Dessa forma:

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educados – não importa quem sejam – estão tendo da sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade (FREIRE, 2006, p. 31).

Quanto à importância da leitura do jornal para os estudantes, ficam aqui alguns registros de suas falas realizados no fechamento do estágio obrigatório, quando foi feita uma retomada do mesmo:

Quadro 14 – Registro do Diário de Classe do dia 20/11/2013.

Aluna M. A.: “Com as aulas a gente teve mais esse contato com o jornal que antes eu não tinha porque pensava que se fosse ver TV já tava bom, mas com o jornal quando a gente conversava aqui eu via que não era só pra ter uma informação, a gente podia também ter uma opinião e falar com os colegas”.

Aluna I.: “A gente ter começado a ler o jornal aqui na aula foi bom porque eu nunca tinha lido, agora em casa às vezes já pego o jornal da minha filha e a gente conversa sobre as notícias, já

aproveito pra exercitar a leitura que também é muito importante pra gente não depender dos outros”.

“Aluno J.: “Nem só pra falar com os colegas, mas pra poder falar com todo mundo, pra saber conversar melhor com as pessoas e saber o que tá acontecendo e saber falar sobre isso”. Questiono o aluno sobre o que seria saber falar sobre isso, se ele poderia me dar algum exemplo. Ele responde: “Saber o que tá acontecendo e saber dizer o que a gente acha, né, saber dizer se é certo ou errado, bom ou ruim”. O aluno, então, responde: “É que aqui nas aulas, quando a gente conversa, vai sabendo o que cada um acha e também pode pensar do mesmo jeito ou não”.

Fonte: Registro do Diário de Classe.

Nesse excerto do Diário de Classe vou percebendo que, mesmo que de forma singela, a leitura do jornal, enfim, foi se criando como um hábito, uma prática de leitura. A partir das aulas e com as reflexões e conversas sobre as notícias, os alunos conseguiam opinar criticamente, ao mesmo tempo em que a reflexão deles conseguia aproximá-los dos conceitos que trabalhávamos. Desse modo, o jornal acabou contribuindo na leitura crítica do mundo, e também no modo crítico sobre o que se lê. Nesse sentido, “na formação geral do estudante, a leitura crítica do jornal aumenta sua cultura e desenvolve capacidades intelectuais” (FARIA, 2003, p. 11). Eu procurava escolher as notícias que gerariam interesse para os estudantes, para que eles pudessem opinar, se envolver, e também enriquecer suas aprendizagens.

Na fala da aluna I., fica clara a importância da leitura para ela se tornar mais autônoma nas atividades necessárias em nosso dia a dia. Como ela mesma diz, “para não continuar a ser dependente”, fato que relaciono com a fala de Tfouni (1995, p. 55): “Hoje fazemos parte de uma sociedade letrada, as atividades de leitura e escrita estão na base de todas as outras atividades”. Entendo que o letramento está atrelado às relações sociais, os sujeitos estão inseridos nesse movimento e, em seu cotidiano, isso é requerido dele, independente do nível de letramento em que o indivíduo se encontra.

Ainda sobre a fala da aluna I., quando diz que sua filha a ajuda, percebo, assim como Fagundes (2013), que esta prática proporcionou um encorajamento em relação à leitura do jornal, sendo que os alunos tinham também o incentivo de seus familiares para exercitar a leitura e compreender as notícias.

Dentro dessa proposta, posso dizer que o objetivo se concretizou, mesmo que aos poucos, os alunos estiveram imersos nesta prática de letramento onde foram se apropriando do jornal, mesmo que não dominassem completamente sua leitura. Acredito, assim como Fagundes (2013), que esta prática proporcionou aos estudantes um encorajamento em relação à leitura do jornal. Não uma leitura mecânica, mas uma leitura desafiadora, na qual se pode questionar e refletir sobre suas informações, produzir conhecimentos novos, se ler o mundo.

No capítulo a seguir, detenho-me a retomar as análises feitas e apontar as contribuições para as práticas em EJA, com a utilização do jornal como material pedagógico a ser utilizado em sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo retomo o trabalho realizado, sua questão principal e seu surgimento, além das análises feitas nas três categorias selecionadas: *jornal como material reflexivo e questionador*, *aprendizagem e o caminho para entendê-la*; *letramento e a reflexão crítica da realidade*, a fim de apontar as contribuições com a pesquisa.

Ao escolher por pesquisar o jornal como fonte de conhecimento, pretendia investigar de que forma é possível relacionar acontecimentos do mundo aos conteúdos escolares, e que os mesmos fossem significativos para os alunos. Sendo assim, retomo meu problema de pesquisa: **Quais as aprendizagens possíveis à alunos da EJA a partir de um projeto de trabalho envolvendo o jornal como fonte de conhecimento?** Esta questão surgiu das inquietações presentes durante a prática de estágio, pois me chamava atenção o quanto este material estava sendo relevante.

Neste processo investigativo, pude olhar minha prática com outros olhos, refletindo sobre ela e as contribuições do jornal neste processo. Muitas das quais eu não havia conseguido perceber durante a prática de estágio, e que, ao construir este trabalho, com ênfase na reflexão e com aporte teórico, puderam ser ressaltadas.

Da retomada dos materiais produzidos durante o estágio, realçaram-se três aspectos essenciais deste trabalho, que acabaram se tornando as três categorias de análise do projeto com o jornal.

Na primeira delas, *jornal como material reflexivo e questionador*, fica clara a relevância deste material, visto que o mesmo é comum e de fácil acesso, tornando aqueles que o utilizam informados e por este motivo também valorizados. O jornal não é um texto qualquer, tem valor social, por isso também produz *status*. O mesmo se torna uma fonte de conhecimento ao ampliar a visão de mundo pelos que são absorvidos pela sua leitura. Possibilitou-me realizar relações entre as notícias e os temas trabalhados e aos estudantes a oportunidade de fala que tanto precisavam, especialmente por serem notícias que tratavam de seu cotidiano.

Na segunda categoria de análise, *aprendizagem e o caminho para entendê-la*, aponto a importância de o professor oportunizar aos alunos momentos de troca e reflexão, pois são também a partir destes momentos que os conceitos vão se reformulando, se aprimorando.

Na última categoria de análise, *letramento e a reflexão crítica da realidade*, destaco que o projeto de trabalho com o jornal criou um encorajamento na sua leitura para além da escola, ampliando as práticas sociais de leitura e escrita dos estudantes e lembrando que há uma estreita relação entre a classe social e o nível de letramento dos sujeitos.

Por fim, trago neste trabalho uma possibilidade de os professores usarem o jornal como material pedagógico e fonte de conhecimento em suas práticas. O mesmo é um material de excelência, contribuindo nas aprendizagens e trazendo o mundo para a sala de aula, aproximando os temas escolares trabalhados com a realidade dos estudantes e incentivando momentos de trocas e discussão. Esses momentos foram de extrema relevância nesta prática, pois, ao mesmo tempo em que contribuíam nas aprendizagens dos estudantes, os valorizavam, mostrando o quanto eram capazes de contribuir, melhorando até mesmo a autoestima deles.

Esta pesquisa enriqueceu-me como futura docente, nas reflexões e leituras feitas, nas idas e vindas da retomada da prática de estágio, na possibilidade de crescimento intelectual e também podendo me auxiliar em novas práticas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES PAULO FREIRE. **Proposta Política Pedagógica**. Porto Alegre, 2012. [documento impresso, acesso abril/2014]

_____. **Regimento Escolar**. Porto Alegre, 2012. [documento impresso, acesso abril/2014]

COLEÇÃO TRABALHANDO COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – ALUNOS E ALUNAS DA EJA. Brasília: SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 14 abr. 2014. 5 v.

DALLA ZEN, Maria Isabel H. Linguagem e ensino: algumas pistas para projetos pedagógicos. In: ÁVILA, Ivany Souza. **Escola e Sala de Aula – Mitos e Ritos: um olhar pelo avesso**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 117-125.

FAGUNDES, Bruna da Cunha. **Leitura do jornal, leitura do mundo: reflexões sobre uma prática de letramento numa turma de alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre, 2013.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal em sala de aula**. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

FERREIRO, Emilia. **Atualidade de Jean Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREINET, Celestin. **O método natural I: a aprendizagem da língua**. Lisboa: Editora Estampa, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47. ed. São Paulo: Cortez, 2006

_____. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Freire, A. M. A. (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2001.

_____. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

KLEIMAN, Angla B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2012. 294 p.

_____. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**
Campinas: UNICAMP/MEC, 2005.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Educação e Pesquisa** (USP), v. 30, p. 289-300, maio/ago, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 9-29.

MOURA, Mayra Patrícia. A organização conceitual de adultos pouco escolarizados. In: OLIVEIRA, Marcos Barbosa de; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Investigações cognitivas: conceitos, linguagem e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999.

PHILLIPS, B. S. **Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

PIAGET, Jean. Development and learning. In: LAVATTELY, C. S.; STENDLER, F. **Reading in child behavior and development**. New York: Hartcourt Brace Janovich 1972. (Trad.: Paulo F. Slomp, prof. FAGED/UFRGS)

STREET, Brian V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas., In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010, p. 33-53.

TFOUNI, Leda Verdiani. A escrita – remédio ou veneno? In: PRADO, Elisabeth; AZEVEDO, Maria; MARQUES, Maria (orgs.). **Alfabetização Hoje**. São Paulo: CORTEZ, 1995.